

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

ANTHONY ANDRÉ DE MENESES SOUSA

**ANIMAIS E RITUAL:
ZOOARQUEOLOGIA EM TERREIRO DE CANDOMBLÉ**

LARANJEIRAS/SE

2018

ANTHONY ANDRÉ DE MENESES SOUSA

**ANIMAIS E RITUAL:
ZOOARQUEOLOGIA EM TERREIRO DE CANDOMBLÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso sob a forma de artigo científico para a publicação na *Habitus – Revista do Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia*, da PUC-GO, apresentado ao Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arqueologia, sob orientação da Profa. Dra. Daniela Magalhães Klokler.

LARANJEIRAS/SE

2018

Agradecimento

Agradecer sempre será motivos de muita emoção, principalmente quando esses agradecimentos são voltados as pessoas especiais que carregamos em nossa vida e que de várias formas contribuem diariamente em nosso amadurecimento pessoal.

Assim, inicio agradecendo a Olorum, energia que nos concedeu a força vital, a Oxaguian senhor que rege minha vida e meus caminhos, a Oxossi que me acolheu como pai e como servo, a Xangô que me acolheu como filho e a Oxum essa mãe benevolente que nas suas doces águas me transmitem a paz que preciso, enfim, a todos os orixás e seres de luzes que me protegem e me transmitem a força necessária para viver.

Agradeço aos meus amados pais, Antônio e Andréa, que acreditaram e respeitaram minha escolha e que sempre lutaram para que hoje eu chegasse a esse momento de conclusão, a vocês meu muito obrigado. Aos meus amados irmãos, Anne, Alexy, Adryellem que cada um de seu jeito, me deram o apoio nesses anos de graduação, a minha amada e sobrinha Ana Cécilia que trouxe as nossas vidas um impulso para lutar e viver.

Agradeço também aos meus familiares maternos e paternos, avôs maternos Pedro e Maria de Lourdes, que hoje já se encontram na eternidade, por todo ensinamento e apoio, aos avôs paternos Maria Isabel e João, e a todos os meus tios, tias, primos e primas, padrinho e madrinha, por sempre acreditarem e me apoiarem nos momentos difíceis e alegres da vida.

A minha orientadora, Daniela Klökler, por toda paciência desde 2012, por todos os ensinamentos, por aguardar meu tempo, por encarar escrever comigo algo novo dentro da arqueologia, minha gratidão eterna, a senhora foi fundamental para minha graduação.

A Elisabete Siqueira (in memorian) um anjo que apareceu na minha vida e que sempre acreditou em mim, por todo apoio, por tudo aquilo que palavras não poderiam mensurar o respeito e amor que tenho pela senhora.

Aos meus mestres amigos, Clovis Britto por me encorajar e me socorrer nos momentos de devaneios, a Fagner Bomfim por me aconselhar, guiar e me socorrer quando tudo parecia perdido, ao Professor Araújo pela paciência e correção da minha pesquisa, cada um sabe da minha gratidão e carinho, contem sempre comigo.

Aos amigos que diariamente me suportam e me encorajam a ter dias melhores, por toda paciência e compreensão nos momentos felizes e tristes da minha vida, assim, dedico essa vitória a vocês também, Eneas Gabriel, Duanna Dominique, Marcus Hipólito, Isis Victória e Rosely Bezerra, vocês são especiais.

Aos amigos da graduação, que juntos lutamos e trilhamos diariamente na querida e ao mesmo tempo odiada Laranjeiras, minha gratidão, em especial a Giuliana Jubilut, Vichthor Silva, Robson Thauan, Lycia Macley e Eunice Dantas, vocês levarei comigo para sempre, mesmo que a distância física nos distancie, mas a gratidão, o carinho e amizade serão eternas.

Aos meus sacerdotes e líderes religiosos, minha amada Mãe Zezé (Dofona) por permitir que eu realizasse minha pesquisa em seu/nosso terreiro, por todas as orações, conselhos, e paciência, ao meu babalorixá Junior Hipólito por todos ensinamentos e pela contribuição na minha pesquisa, como também aos irmãos e irmãs que fazem a família Ojopara N' Saara.

Eu poderia escrever muito mais, e ainda assim, não iria demonstrar todo meu agradecimento, cada um sabe, pois eu costumo agradecer sempre, o quanto são especiais em minha vida, que Olorum (Deus) possa abençoar cada um e proteger de todos os males e adversidades da vida.

**ANIMAIS E RITUAL:
ZOOARQUEOLOGIA EM TERREIRO DE CANDOMBLÉ***

ANTHONY ANDRÉ DE MENESES SOUSA¹

Resumo

Apesar da eminência massiva de trabalhos das mais variadas áreas do conhecimento acadêmico voltados aos estudos do candomblé, existem ainda poucas pesquisas com cunho arqueológico abordando a temática. Neste artigo, abordamos as contribuições da perspectiva zooarqueológica, referente ao estudo do uso dos animais em rituais de candomblé. Demonstramos as potencialidades da abordagem das práticas rituais do sacrifício no candomblé, tendo como objeto específico os animais utilizados em ritos para o orixá Exu. Dessa forma, são contemplados os processos de escolha e purificação dos animais, o rito de sacrifício, seus locais de depósito, bem como o uso dos excedentes da sacrifício.

Palavras Chaves: Zooarqueologia, Candomblé, Sacrifícios, rituais.

Abstract

Despite the massive work eminence from various areas of knowledge related to academic studies of candomblé, there are still few archaeological approaches addressing the theme. In this article, we discuss the contributions of perspectives zooarchaeology to the study of the use of animals in candomblé rituals. We demonstrate the potential of the approach to analyze the symbolic structures present in the rituals of sacrifice in candomble, with specific object the animals used in rites to Exu, the supreme godhead. In this way, the processes of choice and purification of the animals, the sacrificial rite, their places of deposit, as well as the use of surpluses of sacrifice.

Keywords: Zooarchaeology, Candomblé, Sacrifices, ritual.

¹ Bacharelado do Curso de Graduação em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: bezerraemeneses@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo estudar as relações entre os seres humanos e animais, tendo como base informativa os rituais e oferendas do Candomblé. Busca-se compreender o uso dos animais dentro de uma perspectiva religiosa a partir da ritualística dos sacrifícios voltadas ao orixá Exu. Exu, dentro da cosmologia mítica dos orixás (deuses supremos do panteão afro), “é o transportador entre os humanos e os deuses, é o mensageiro, a ponte entre o mundo dos humanos e o mundo dos deuses” (PRANDI, 2001, pg.50). Consideramos os ritos de sacrifício como fundamentais para entender a simbologia, os usos mágicos e litúrgicos dos animais ,expressando sua multifuncionalidade.

A arqueologia é a ciência que estuda as sociedades humanas a partir dos seus vestígios materiais, buscando compreender “as transformações dos sistemas socioculturais” (LIMA,1989). Dentro dessa ciência, temos a zooarqueologia, subdisciplina que estuda os vestígios faunísticos evidenciados nas pesquisas arqueológicas. A partir da zooarqueologia, intentamos estudar o uso dos animais em rituais de sacrifício para o orixá Exu, focando principalmente no consumo ritual de galos/galinhas, cabras, bodes e carneiros, buscando compreender os processos ritualísticos que utilizam esses animais nas práticas do candomblé.

Durante muito tempo, as pesquisas arqueológicas resumiam os remanescentes faunísticos à base alimentar das sociedades humanas, porém pesquisas recentes trouxeram novas inferências acerca desses achados e, a partir disso, emprestam aos animais uma multifuncionalidade, ligada entre outras, às práticas rituais, simbólicas e mágicas.

Nesse propósito, seguindo essa multiplicidade de papéis que animais podem assumir, desenvolvemos nossa pesquisa analisando o uso dos animais inseridos no contexto ritualístico do sacrifício no Candomblé, buscando compreender como esses estudos podem ajudar em interpretações arqueológicas.

Assim, podemos conceituar o Candomblé como religião afro-brasileira que reverencia as forças da natureza, também denominadas de orixás. Essa informação pode ser complementada com a de Alves e colaboradores (2012, página), de que o Candomblé também pode ser definido como “sistemas de crenças que combina tradições animais e vegetais, derivado da África com muitos outros assimilados de

ameríndios”. Assim, a utilização de animais está intrinsecamente inserida nos ritos de Candomblé.

Nossa pesquisa compreende o município de Riachuelo, no estado de Sergipe (Figura 1). Riachuelo limita-se com os municípios de Divina Pastora, Itabaiana, Malhador, Santa Rosa de Lima e Laranjeiras, estando a aproximadamente 25 km de distância da capital do estado de Sergipe; integra a chamada região do Vale do Cotinguiba, famosa durante o período da economia açucareira (século XVII e século XVIII), sendo “considerado o maior produtor de açúcar do Estado de Sergipe” (BEZERRA, 2012).

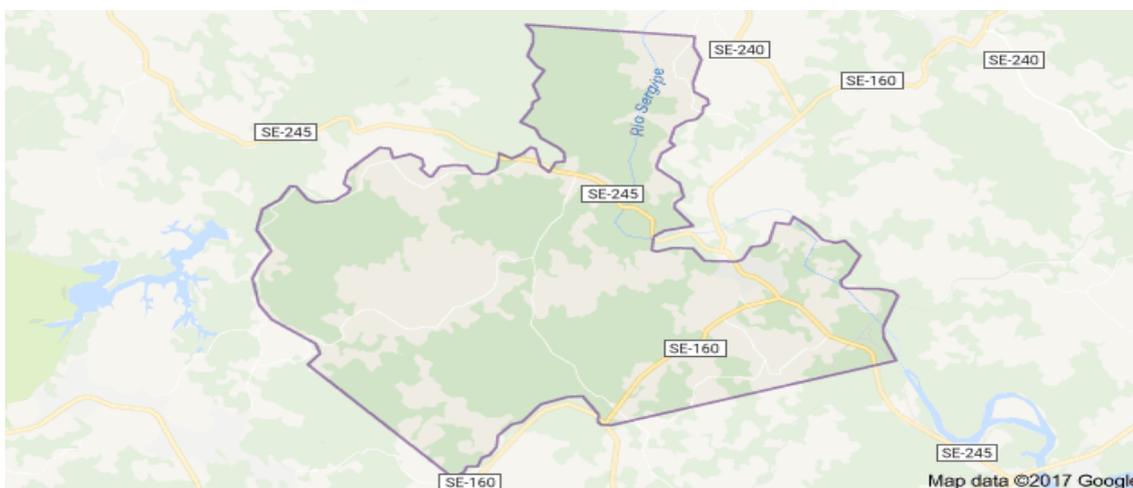


Figura 1 – Mapa do Município de Riachuelo, Sergipe. Fonte: MOREIRA, 2010)

Como horizonte específico para a composição da coleta e análise de dados para este estudo, foi escolhido o terreiro de candomblé Ilê Axé Ojopara Ni Saara, localizado no bairro Divineia, cujo patrono da casa é o orixá Oxóssi. A escolha desse terreiro se deu por causa da sua história religiosa e cultural dentro de Riachuelo, tendo em vista que é comandado pela Yalórixá mais antiga da cidade, a senhora Maria José de Oliveira, conhecida como Dofona Odeguerán, primeira filha do senhor Antônio Gomes de Oliveira.

Em relação à metodologia utilizada neste estudo, baseou-se principalmente na Etnoarqueologia, especialidade arqueológica que estuda as sociedades contemporâneas e sua relação com o mundo material (SILVA, 2011). A partir dela, pudemos fazer analogias referentes ao uso “macrorreligioso” e simbólico dos animais. Dentro desse processo metodológico, nos foi permitido ter acesso ao

Terreiro e a algumas cerimônias significativas ao orixá Exu, como, por exemplo, os ritos de sacrifício dos animais, depósito e excedentes desses animais, além de possibilitar a realização das entrevistas com os cargos mais significativos da Casa.

Sendo Exu um orixá comumente também associado a outras entidades oriundas do hibridismo com outras religiões, os exús cativos (espécie de escravos dos orixás), utilizamos ao longo do texto, sempre em letra maiúscula quando estamos nos referenciando ao Orixá Exu e em letra minúscula aos cativos, respeitando-se assim as hierarquias das divindades cosmológicas do Candomblé.

Assim sendo, o artigo está estruturado da seguinte maneira: inicialmente trazemos uma introdução, em que os aspectos cruciais da pesquisa científica são contemplados, a exemplo do problema de pesquisa e objetivos por ele alcançados; por conseguinte, apresentamos o arcabouço teórico, centrado em discussões sobre a Zooarqueologia e o uso dos animais, somando-se a nortes analíticos a respeito do Candomblé e da cosmologia do orixá Exu; Nos resultados, concentramos as análises nos processos de escolha e purificação dos animais destinados à sacraficação; o próprio rito de sacraficação, bem como os locais dedicados ao depósito dessas ‘oferendas’, além do uso destinado aos excedentes da sacraficação.

ZOOARQUEOLOGIA E O USO DOS ANIMAIS

Compreender e interpretar o uso de animais dentro da análise arqueológica é um novo desafio, tanto teórico como empírico, principalmente quando objetiva o estudo de animais em práticas corriqueiras nos ritos religiosos de sacraficação em terreiros de Candomblé. Para compreender as relações sociais entre humanos e animais, dentro da perspectiva religiosa do Candomblé, precisamos entender “padrões simbólicos culturais (as crenças, os valores sociais) e como eles foram moldados” (LEMOS, 2011, p. 62). Dessa forma, o uso ritual dos animais dentro do universo religioso do Candomblé deve ser interpretado a partir da compreensão e do modo pelo qual os adeptos utilizam essa materialidade durante as realizações dos rituais de sacrifício os quais estão inseridos intrinsecamente.

Antes de adentrarmos ao nosso objeto de pesquisa, faz-se necessário teorizar a pesquisa zooarqueológica e suas contribuições para o estudo dos remanescentes faunísticos dentro do contexto arqueológico. Para isso,

apresentaremos pesquisas que trazem diferentes interpretações sobre o uso de vestígios faunísticos por populações humanas.

As primeiras pesquisas arqueológicas apresentavam abordagens que limitavam à descrição dos sítios e, por conseguinte, do material evidenciado no contexto arqueológico advindo das escavações; com isso, “muitos materiais, como é o caso dos vestígios faunísticos eram descritos na literatura como fonte alimentar dos grupos a eles associados”, (SOUSA, pg. 7, 2016).

Conceituamos a Zooarqueologia como ciência que estuda os restos faunísticos em contexto arqueológico, “tendo em mente que cada cultura desenvolve um modo peculiar de se apropriar, interagir com o meio ambiente e, por conseguinte, dos animais” (LIMA, 1989).

Com isso, buscaremos compreender também o modo como esses vestígios faunísticos foram utilizados, transformados, para além do consumo e troca de nutrientes, e ainda seu uso simbólico e ritual, presente como material construtivo, oferenda para os mortos, matéria-prima de artefatos e adornos, uso místico, ligado à parafernália ritual na pesquisa arqueológica.

Assim, as pesquisas de Morris (2012) em depósitos referentes à Idade do Ferro e Romano-Britânica atestaram a presença de animais em contexto “ritual”, alguns como oferenda, outros associados a sepultamentos humanos. Um exemplo disso é a presença de cães no ritual de “fundação da cidade”. Esses cães, segundo a interpretação dos pesquisadores, estariam associados à “cura, idealidade e proteção dos seres humanos”. Como também o sacrifício de porcos na construção de um túmulo, alguns inteiros, de outros só algumas partes da carcaça. Morris (2012) também discute a presença de partes de animais associadas a sepulturas, o que ele descreve como “elementos que podemos representar simbolicamente comida para o falecido” (MORRIS, 2012).

A presença de animais em contextos funerários é descrita também nas pesquisas realizadas por Wilson (1999) em estudo referente a práticas simbólicas na idade do Ferro; o autor sugere que os animais foram sacrificados como ofertas dentro da conjuntura do ritual funerário, porém essas oferendas não se limitam apenas a contextos funerários, mas também com o uso de animais ofertados simbolizaria uma ligação de boa sorte como também com o propósito de afastar os espíritos ruins.

“[...] em muitas culturas, ossos, especialmente crânio ou cabeça de animais são colocados em exibição acima do chão, ainda em alguns eles são deliberadamente enterrados e escondidos dentro da terra. Estes ossos ou carcaças e partes do corpo assumem significado simbólico em graus variados para o ponto de seu uso na atividade ritual” (WILSON, 1999, p. 303).

A explicação acima exposta demonstra que essas práticas podem estar ligadas à questão de “proteção, renovação, proteção da fertilidade, sexo, poder, espíritos ancestrais e animistas, religião”, ou seja, esses animais na Idade do Ferro tinham uma preocupação simbólica nesses depósitos. Dessa forma, tais preocupações “formaram um contexto simbólico para a colocação de ossos, de partes do corpo e todos os animais em poços da Idade do Ferro” (WILSON, 1999; 2012).

Quando debruçamos o olhar para a realidade brasileira, os estudos de Kokler (2016) demonstram um direcionamento analítico sobre os vestígios faunísticos presentes em sítios sambaquis, trazendo uma trajetória a que esses vestígios foram atribuídos dentro da pesquisa arqueológica, destacando a importância da “Zooarqueologia como fonte de subsídios para os estudos dos animais em comportamento ritual” (KOKLER, 2016, p. 21).

Sambaqui pode ser descrito como “sítios arqueológicos compostos basicamente de material faunístico (conchas, ossos de mamíferos e peixes” (OLIVEIRA, 2008). Durante muito tempo, essas conchas foram definidas pelos arqueólogos com a finalidade de construir o sambaqui; os estudos de Figuti e Klokler (1996) concluíram que a coleta de moluscos não teria sido praticada como objeto primário de alimentação, mas, sim com o intuito de criar o depósito do sítio. Todavia além de serem materiais construtivos, os moluscos, foram descritos pelos arqueólogos com forte poder simbólico na construção e no preparo de oferendas e adornos em diversas culturas (KLOKLER, 2016).

Entre das práticas simbólicas da sociedade sambaqueira, os animais foram também utilizados como matéria-prima de acompanhamentos funerários (GASPAR, 2011), realizações de festins funerários ou celebrações funerárias (KOKLER, 2016). Sítios evidenciados na Região Sul, entre esses o Jabuticabeira II, destacam que “existia um planejamento e organização dos ritos funerários, que demandavam um preparo antecipado e um esforço de todo o grupo para realização desse consumo ritual” (KLOKLER, 2012).

Como é possível perceber, a Zooarqueologia nos proporciona apresentar que o uso simbólico de animais é uma prática milenar disseminada em inúmeros grupos culturais. Partindo de contextos arqueológicos pré-históricos até contextos históricos, o uso e a relação humano-animal estão atrelados intrinsecamente e presentes nos mais diversos contextos simbólicos, principalmente em contextos rituais.

Assim, partiremos para o uso de animais dentro do contexto religioso do Candomblé, discutindo o uso de animais em rituais de sacrifícios e as práticas simbólicas para os quais esses animais são fundamentais na realização dos mais variados rituais da religião.

Coelho e colaboradores (2016) discorrem assim sobre o sacrifício dos animais em várias crenças:

“o sacrifício religioso de animais é encontrado nos rituais bíblicos do Antigo Testamento, na religião grega, no ritual e védico (hindu), em religiões de origem africana, em práticas muçulmanas, etc., Além disso, os dogmas de algumas religiões determinaram que o consumo de carne pelos fiéis só pode se dar através do abate religioso” (COELHO, *et. al.* 2016, p. 58).

As pesquisas realizadas por Marcel Mauss e Henri Hubert apud Motta (2008), observaram o sacrifício como uma “concepção mítica e religiosa, tendo em vista que essas práticas possuem motivações sobrenaturais, podendo o sacrifício ser considerado como a própria condição da existência divina” (MOTTA, 2008, p.51).

O sacrifício animal, como afirma Anjos (2017), é uma forma milenar de cultura, “essa prática não separa o divino, o humano, a natureza, tendo em vista que o sacrifício está ligado intrinsecamente ao renascimento, destinos, ligando simultaneamente o animal, o humano e o divino” (ANJOS, 2017).

Esta pesquisa está dividida em dois momentos, a parte teórica e, por fim, a parte prática referente ao uso dos animais, dentro da perspectiva macro do Candomblé, em estudo de caso realizado em um terreiro de Candomblé em Riachuelo. Nessas visitas, participamos e direcionamos nosso foco ao objeto da pesquisa para os ritos e sacrifícios realizados para Exu; para isso, no primeiro momento, apresentaremos as várias figuras desse orixá.

O CULTO DE MATRIZES AFRICANAS NO BRASIL: O CANDOMBLÉ EM SERGIPE

Pereira (2014) define que religiões afro-brasileiras (Candomblé, Macumba, Umbanda, Bantuque) podem ser entendidas como cultos aos ancestrais e às energias que fundaram a Terra, seus elementos, os seres vivos e o mundo não material e espiritual (Beniste, 1997 *apud* Pereira 2014).

Em sua obra *O essencial do Candomblé*, Ademir Júnior (2011) o define como um nome genérico, que agrupa culto aos orixás Jeje-Nagô, bem como outras formas que dele derivam, ou que com ele se interpenetram, as quais se espraiam em diversas nações (JÚNIOR, 2011 p. 5;). Ele complementa essa definição quando descreve Candomblé como,

Religião constituída, com teologia e rituais próprios, que cultua um poder supremo cuja força se faz espiritualmente mais visível por meio dos orixás. Sua base é formada por diversas tradições religiosas africanas, destacando-se as da região do Golfo da Guiné, desenvolvendo-se no Brasil a partir da Bahia. (JÚNIOR, 2011, pg. 5)

Passos (2008, p. 25) descreve que

“os orixás de acordo com a mitologia iorubana são forças da natureza. E se representam através das manifestações das suas formas naturais: a água, o fogo, o ar, a terra; mares e rios, chuvas e ventos, raios e trovões; folhas e frutos, ferro e pedra, minerais diversos, os animais”.

Os locais onde são desenvolvidos os rituais religiosos do Candomblé são popularmente conhecidos como “terreiros”. O terreiro seria um “universo social fortemente hierárquico, liderado por pai ou mãe (babalorixá ou yalorixá) de santo, que é responsável tanto pelos filhos de santo, como também, pelas entidades que ali são cultuadas, sejam elas orixás, exus, caboclos, eguns”, (RABELO, 2015; pg. 234).

As tradições e os ensinamentos no Candomblé são transmitidos a partir da oralidade. Rabelo (2015, pg. 236) complementa essa transmissão de conhecimento, descrevendo que a forma de aprendizado nas religiões de matrizes africanas essencialmente “na observação e no ouvir o mais “velho”, dessa forma, os noviços aprendem de forma gradativa”. Ela ressalta que a transmissão de conhecimento corrobora e faz com que as “pessoas vivam em constante transformação, essa transformação, à qual ela se refere, são estágios dentro do candomblé, no qual os membros mais novos passam ao adentrar o terreiro” (Rabelo, 2015; p. 236).

Nas palavras de Voelks (*apud* Alves et al. 2012), o Candomblé representa um conjunto de crenças, práticas e tradições cosmológicas introduzidas no Brasil. Entre

essas práticas, estão os sacrifícios dos animais. Esses animais, dentro dos terreiros de candomblé, são sacralizados, ou seja, tornam-se um objeto sagrado. Caputo e Passos (*apud* Neto e Alves 2010) destacam que “noção do sagrado é universal, os elementos relacionados culturalmente à dimensão do sagrado são criados, simbolizados e representados de formas diferentes dependendo do contexto cultural” (NETO E ALVES, 2010 p. 569).

Esses animais têm quatro pés (caprinos, ovinos, suínos e bovinos), ou dois pés (galináceos e pombos) (NETO E ALVES, 2010); são associados às divindades, o que reforça a ideia de sagrado empregada aos animais, por causa da sua importância nas realizações dos rituais. Sobre a associação com os orixás, Neto e Alves (2010) destacam que certos animais são “associados a determinados orixás, seja por causa da sua beleza, de narrativas míticas ou até mesmo do hábitat do animal, o qual pode estar associado ao domínio do orixá” (NETO E ALVES, 2010).

Dentro da perspectiva religiosa do Candomblé, o sexo dos animais está ligado aos gêneros dos orixás, ou seja, para os orixás do sexo feminino, popularmente conhecidos como labás, os animais sacrificados devem ser fêmeas, e, conseqüentemente, para os orixás do gênero masculino, conhecidos por Oborós, são animais machos (Alves et. al. 2012).

Adicionalmente, a escolha dos animais para a utilização em rituais precisa atender às características mitológicas e aos domínios dos orixás a quem serão ofertados; desse modo, esses animais precisam ser saudáveis, fortes e sem problemas físicos (Alves et al. 2012).

Em Sergipe, o culto de matrizes africanas tem suas primeiras manifestações no município de Laranjeiras e era chamado na época como “*Brincadeira de Obá*”; são consideradas as primeiras organizações de ritos e cultos de matrizes africanas em Sergipe. Destacamos pontualmente a figura dos africanos Ti Henrique e Herculano, dada sua relevância por difundirem o culto pela região do Vale da Cotinguiba (AGUIAR, 2002).

Na cidade de Riachuelo, objeto de nossa pesquisa, o culto de matrizes africanas é difundido pelo senhor Antônio Gomes de Oliveira (popularmente conhecido como Tonho *Mutalambô*). Antônio Gomes descende do culto orixá, e/ou do tronco ancestral iniciado por um filho do *Abassa* São Jorge, terreiro fundado por

Mãe *Nanã*. Assim, consideramos relevante, antes de apresentar a vida do senhor Antônio Gomes, trazer um breve histórico do *Abassa São Jorge* e da sua fundadora.

O *Abassa São Jorge*, cujo nome faz alusão ao santo católico São Jorge, é localizado no Bairro América, em Aracaju, foi fundado pela Yalorixá mãe “*Nanã*” Manadeuí; hoje é conduzido pela herdeira a Yalorixá Marizete, mais conhecida por “*Mãe Dete*”, filha de *Iansã*. “*Mãe Dete*” iniciou-se no *Candomblé* com dez anos de idade e tornou-se yalorixa com 14 anos, quando o terreiro era localizado no alto da Boa vista, atual João da Croa no bairro Santos Dumont, em Aracaju. É considerado como um dos primeiros terreiros do estado de Sergipe. Tendo em vista que o *Candomblé* preza pela ancestralidade, muitos terreiros existentes hoje são descendentes do *Abassa São Jorge*.

Antônio Gomes de Oliveira foi o fundador do Centro Jacuntá de Saara. Cabe ressaltar que é o tronco ancestral do *Abassa São Jorge*, *babalorixá* mais antigo e fundador do *candomblé Ketu* na cidade de Riachuelo (Moreira et al.2010).

USO DOS ANIMAIS NOS RITOS DE SACRÍFICIO NO CANDOMBLÉ

Quando pensamos no uso dos animais pelos seres humanos, voltamos os olhares apenas para a troca de nutrientes, relacionadas à alimentação. Do mesmo modo, quando relacionamos os animais aos ritos do *Candomblé*, os olhares ficam focados nos sacrifícios, porém nosso objetivo é desmistificar esse pensamento, apresentando a importância de animais nos ritos e sua funcionalidade, e como essa relação intrínseca é valorizada no que diz respeito ao *Candomblé*.

O ato de ofertar, dentro das religiões de matrizes africanas, assemelha-se com o ato de partilhar com as divindades, podendo de várias formas. Existem dois tipos de sacrifícios, “o sacrifício animal, esse também chamado de sacrifício de sangue, cujas ofertas são animais de duas ou quatro patas, e o sacrifício não sangrento, que se configura na oferta de frutas” (MOTTA, 2008). Esse último não será descrito nesta pesquisa, mas pontuamos por considerar relevante exemplificar que alguns cultos não realizam o sacrifício com sangue para os orixás.

Pereira (2014), em suas pesquisas referentes à troca de energias no *Candomblé*, atesta que nos

“cultos se tem a presença de entidades ligadas a elementos (água, ar, terra e fogo) e seus derivados (lama, árvores e animais) e a necessidade constante de retribuir a eles a energia dada para a

manutenção da saúde e da vida (o axé) e que se denominam orixás, guias ou entidades. (...) a importância da troca de energia entre os humanos e os orixás, a partir dos elementos naturais, dentre eles os animais” (PEREIRA, 2014).

Dessa forma, Pereira (2014) descreve que a “troca e repasse de energias entre as entidades e os homens impõe uma ligação entre eles e o mundo físico, ligação essa essencial para a manutenção do que se denomina axé” (PEREIRA, 2014).

Segundo Oro (2005 *apud* Neto e Alves 2010), as religiões afro-brasileiras “são sacrificiais e todas as suas expressões, menos a umbanda dita “branca”, realizam rituais de imolação de animais, sejam eles de quatro pés (caprinos, ovinos, suínos e bovinos), ou de dois pés (galináceos e pombos)”. Esses são os animais mais utilizados dentro dos rituais de sacrifícios no Candomblé em Riachuelo, contudo, cabe ressaltar que existem outras espécies, das quais trataremos no decorrer do texto.

Motta (2008) define que o sacrifício de sangue para as religiões de matrizes africanas é o meio pelo qual se estabelece a aliança com o orixá, tendo em vista que o que podemos chamar de estrutura básica do Candomblé, se configura no que Motta (2008) chama de “contrato diádico”.

O contrato diádico estabelece entre o deus e o homem, “o comprometimento de dar de comer, tendo como pagamento os sacrifícios de animais, como também, seu próprio corpo, para que o Deus possa manifestar pela dança e pelo transe” (MOTTA, 2008). Esse contrato defendido por Motta, aqui será tratado como “obrigação”, termo utilizado por membros do candomblé em Riachuelo, e que explica os atos de nascimento (para os que estão iniciando) e renovações (para os já iniciados) periódicas dos membros do candomblé.

Essa troca, defendida por Motta (2008), é corroborada por Prandi (2001), “quando os homens alimentam os orixás, já que os consideram como família, para isso, são oferecidos aos orixás oferendas e entre essas os sacrifícios, e em troca, recebem a proteção dessas divindades” (PRANDI, 2001).

Nossa pesquisa é voltada apenas para o “sacrifício sangrento”, por termos os animais como objeto de pesquisa, como também por considerarmos os mesmos como fundamentais e insubstituíveis dentro do candomblé, pois, “é sangue que dá vida e força às divindades” (MOTTA, 2008, p.).

Durante o sacrifício existe uma conexão de elementos, muitos deles intangíveis, como descreve Ramos (2017) “o sangue do animal sacrificado, agencia a relação entre as pessoas, animais e as divindades que está no acutá (pedra), quando essa pedra recebe o sangue, o axé, ocorre uma conexão entre as relações entre pessoas e extra-humanos (sangue, pedra, animal e orixá)” (Figura 2). Desta forma, Ramos (2016) destaca que o *acutá* não representa o orixá, ele se torna o próprio orixá (RAMOS, 2016).



Figura 2 – Exemplos de acutá (Pedra). Fonte: Casa de Ogum Disponível em: www.casadeogunlojaonline.com/produto.php?n=1255. Acesso em: 08 de set.2018.

O PRIMEIRO DA ‘CASA’: O ORIXÁ EXU – INTERLOCUTOR ENTRE O HUMANO E O SAGRADO

Como em qualquer representação mitológica, existem preceitos singulares quanto à hierarquização dos orixás. Exu é o primeiro no panteão africano. Com isso que Exu, apesar de, ao longo do tempo, ter passado por modificações em suas personificações bem como adequações e junções de outras religiões, como é o caso da Umbanda, ele possui um papel fundamental para o candomblé. Todo e qualquer ritual ou rito, seja de nascimento, até a morte, o primeiro orixá a quem os adeptos se voltam é Exu. Por ser Exu o orixá da comunicação, antes de qualquer prática religiosa na casa, festas e rituais internos, ou abertos, são realizados sacrifícios de animais a ele, para que tudo ocorra bem, como também, preparar o ambiente para receber visitantes e afastando energias e ou espíritos indesejáveis que possam atrapalhar as cerimônias.

Prandi (2001) descreve que Exu:

“é o primeiro a comer. Assim, notamos que a figura de Exu é importante para o bom funcionamento dos rituais realizados no candomblé, sejam eles de iniciação, obrigação, oferendas e purificação, pois, é a partir dele que existe a comunicação entre os humanos e as divindades, assim, agradar primeiramente Exu é fundamental” (PRANDI, 2001).

Para Álvaro Pires (2011), Exu é descrito como uma divindade controversa e contraditória, ao que ele chama de ambivalência, ou seja, possui sentimentos conflitantes, referindo-se à diversificação que atribuída a sua figura longo dos anos (ÁLVARO PIRES, 2011).

Pierre Verger (1981) corrobora o fato da difícil descrição e caracterização de Exu, dentro da mitologia africana, quando ressalta que Exu “é um orixá ou um eborá de múltiplos e contraditórios aspectos, o que torna difícil defini-lo de maneira coerente” (VERGER, 1981, pg.39).

Serafim e Gonzaga (2014) mapearam a representação de Exu, descrita por pesquisadores no século XX, entre esses, citamos Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Pierrer Verger, Roger Bastide entre outros e notamos as mais diferentes personificações como Exu foi representado, a ponto de afirmar que a figura de Exu causa um misto de curiosidade e temor (SERAFIM & GONZAGA, 2014, pg.10).

Nas palavras de Prandi (2001), “Exu é visto também como o transportador e mensageiro, responsável pela comunicação entre os orixás, chamado de porta-voz entre os deuses, no que diz respeito às ordens e às orientações” (PRANDI, 2001; PG.50). Exu faz a ponte entre o mundo dos humanos e o mundo dos orixás. Percebemos a importância de Exu para o culto africano, quando Prandi (2001) descreve que nada acontece sem o trabalho intermediário do transportador e do mensageiro Exu : “sem Exu nada é possível, o poder de Exu é incomensurável” (Prandi, 2001).

Nesta pesquisa, não discutiremos sincretismo, tampouco as variedades como Exu pode ser cultuado no Brasil, porém, cabe destacar que Exu pode ser denominado de duas formas, a primeira, Exu orixá, descrito anteriormente e os chamados Exu catiços, uma concepção ocidental, que agregou elementos da Umbanda, passando a ser visto de forma múltipla (PRANDI, 2011, pg. 54).

O fato pelo qual iniciamos a pesquisa de campo, apresentando inicialmente essa contextualização mitológica da figura de Exu, se deu essencialmente, para

embasar e justificar o modo pelo qual Exu é cultuado em Riachuelo, especificamente no terreiro em que realizamos nossa pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A zooarqueologia permitiu aos arqueólogos se debruçarem sobre novos aspectos da materialidade faunística, apresentando novos aspectos no quis respeito a novas formas de entendimento dessa materialidade, relacionando esses animais aos humanos, em seus aspectos simbólicos e culturais. Nessa perspectiva, o presente trabalho centrou seu objetivo em analisar o uso dos animais nos ritos religiosos do Candomblé, especificamente nas cerimônias de sacrifício para o orixá Exú. Assim, possibilitando entender as práticas ritualísticas com o uso desses animais como ponte de ligação entre humanos e o 'sagrado'.

Tendo os animais como materialidades simbólicas dentro do universo das religiões de matrizes africanas, a pesquisa teve como campo empírico o Terreiro Ilê Axé Ojopara N' Saara. Neste foi possível acompanhar e entrevistar as práticas dedicadas aos ritos para Exú, centralizando-se principalmente em todo o processo de utilização, sacrifício e simbolismo que circunda o seu uso. Nesse propósito, direcionamos o nossos questionamentos nas entrevistas aos seguintes principais representantes do terreiro: o Pai Pequeno do terreiro, o *Babakekerê* Glaudistone (que representou a Yalorixá que comanda a casa) juntamente com outros dois Babalorixás filhos da Casa, sendo eles, o Babalorixá Eneas Gabriel e o Babalorixá Janison, além do Axogun, Júnior Hipólito, responsável pelos ritos de sacrifício no Terreiro.

A escolha e purificação dos animais no Candomblé

No universo mítico e religioso dos ritos das matrizes africanas, e especificamente no Candomblé, cada orixá de acordo com a tradição religiosa utiliza determinados animais. Isso retomando as formas e práticas recorrentes na África e transportadas pela materialidade e historicidade da prática para o Brasil. Assim sendo, no culto para Exú, os animais escolhidos são: caprinos (cabra, bode e carneiro); bovinos (boi e vaca) e aves (galo, galinha e pombo).

Esses animais são facilmente comercializados no comércio comum, e também em casas especializadas em ritos religiosos candomblecistas. Assim sendo,

quando da necessidade de sacrifício desses para as cerimônias religiosas, são adquiridos dias antes, como uma espécie de período preparatório para a ‘sacralização’ desses animais.

Em entrevista com o Axogun da Casa, ele especifica como acontece a escolha dos animais, levando-se em consideração os arquétipos mitológicos de cada orixá. Conforme melhor exemplifica na sua própria fala abaixo transcrita:

“Na escolha do animal, eu levo em consideração as características de cada orixá. Por exemplo, quando eu vejo uma cabra mansa e de coloração clara, já sei que ela serve para a sacralização voltada para Oxum. Se caso percebo que a cabra é mais valente e de coloração avermelhada, sei que ela serve para Yansã”.

Contudo, essa explicação merece um aprofundamento mais específico, como se trata de ritos para Exú e esses catiços são os escravos do orixá, a escolha se dá da mesma forma, conforme o Axogun descreve.

O processo de sacralização, não pode ser descrito, pois segundo as pesquisas empíricas e em entrevista com a Babalorixá responsável pela Casa, são rituais reclusos reservados aos membros da religião, onde apenas alguns aspectos desse processo podem ser explicados. Esse processo, é um dos ritos que defende o ‘animal’ como objeto sagrado e elo material entre o humano e o sagrado – os deuses africanos.

Segundo Enéas Gabriel existe a *“defumação com incensos, o ato de lavar com água, buscando trazer equilíbrio e retirar energias negativas”*, para que quando sacrificado o animal esteja purificado de qualquer negatividade que possa atrapalhar o ritual. Notamos que cada animal possui uma música diferente durante os sacrifícios, sejam eles os animais chamados de quatros pés (cabras, bodes, carneiros), os galos e galinhas, e o pombo.

O rito de sacrifício dos animais para Exú

Considerando os animais a materialidade simbólica e ponte de ligação entre o humano e o sagrado, neste caso o próprio orixá, Exú, passando o processo recorrente a aquisição e purificação, esses animais são introduzidos significativamente no rito. Contudo, vale ressaltar que diferente dos outros orixás existentes no panteão afro-brasileiro, o rito de sacrifício para o orixá Exú respeita alguns preceitos distintos.

Primeiro é importante destacar a especificidade de quais animais são sacrificados para Exú, seja ele o orixá ou catiço. O babalorixá Janison Santos, filho da Yalorixá Maria José, responsável pelo Ilê, afirma que *“Exú orixá em sua casa come bode, quatro galos, pato, guiné e pombo”*, todos do sexo masculino. Sendo que com relação aos exús catiços, ou também aqui chamados de escravos, o Babakekere Glaudistone Oliveira, ressalta que os principais são *“bodes, cabras, e galos, galinhas”*. Ou seja, existe uma singularidade de uso da espécie dos animais, ocorrendo apenas à distinção quando ao gênero. Durante nossas visitas percebemos que existe um padrão uso desses animais, a variabilidade está principalmente nos animais de quatro patas, que sua escolha segue os dogmas do candomblé, assim como, o gênero dos animais que estão ligados ao gênero dos orixás.

Contudo, existe uma “tradição proibitiva” em Riachuelo, não só no terreiro Ilê Axé, em que determina a pessoa que oferece o animal a Exú não pode se alimentar da carne dos animais que lhe são sacrificados. Na fala do Babalorixá Enéas Gabriel, essa afirmativa fica melhor explicitada,

“ a pessoa que ofereceu um galo ou qualquer outro bicho, outro animal a exú ele não pode comer aquela carne porque aquela carne concentrou energia dele, aquele animal serviu para toda energia negativa dele, toda negatividade, todo ejô, que aquele sangue derramado do animal vai ser para trazer vinda longa a pessoa e a aquela energia negativa da pessoa, é passada para o animal, assim a pessoa que fez aquela troca de energia e fez aquele elo com o animal não pode jamais comer daquela oferenda, porque ele usou daquela oferenda para limpar o corpo dele...”

Essa explicação foi corroborada por todos os entrevistados. Assim, percebemos que as oferendas para exu catiço, servem em linhas gerais como limpezas espirituais, retirando toda negatividade para que os outros sacrifícios (ritos de purificação, descarrego, entre outros ‘trabalhos’, específicos da religião) possam acontecer sem qualquer impedimento. Tendo em vista que Exú é o primeiro orixá a comer em qualquer ritual ou oferenda,

“Exu é o primeiro a ser cultuado e reverenciado dentro do candomblé por ele ser considerado como orixá da comunicação, o Orixá dos caminhos e das encruzilhadas, pedimos permissão a exu para dar início a qualquer culto dentro do candomblé, pedimos a ele passagem para que os bons fluidos e energia passem...” (Babakekerê Glaudistone Oliveira. Entrevista cedida em 15 de jun. 2018).

Como acima explicado, em um processo de transfiguração e purificação, o animal é o elemento catalizador das todas as mazelas e impurezas do humano. Vale ressaltar que seres humanos são dotados de imperfeições e impurezas, as quais precisam ser dissipadas. Assim, cabe no processo uma interlocução entre o humano e os animais, onde esses são colocados em contato direto com o homem – principalmente aves -, onde são ‘passados’ no corpo do humano. Nesse processo de purificação do humano, os animais ficam ‘carregados’ das impurezas desse indivíduo. Em seguida, carregados de todas “as cargas negativas” do humano esses animais são sacrificados nos assentamentos² de Exú.

Mesmo não sendo a única utilização dos animais, o sacrifício é considerado o mais importante. Dentro do candomblé, além do babalorixá ou yalorixá, existem cargos exclusivos para sacrificar os animais, o principal é denominado Axogun, cuja sua função é exclusivamente sacrificar os animais nos rituais. Outros cargos possuem autorização para cortar na ausência do axogun, como é o caso do Pejigan, do Ogan de faca, entre outros, cuja nomenclatura depende da nação ao qual a casa pertence.

As sacralizações dos animais acontecem com a utilização de instrumentos perfurocortantes, sendo que para Exú, é utilizado especificadamente um único objeto, como por exemplo, uma faca. Sacrificados a golpe de faca, de “modo que o animal não sofra”, para não prejudicar o ritual. Segundo a tradição, acredita-se que no processo de sacrifício desses animais os Orixás não permitem que os animais a eles oferecidos sofram.

Os locais ‘sagrados e profanos’ para o depósito do sacrifício

Dentro do Terreiro de Candomblé existem locais específicos para o sacrifício e depósitos temporários desses animais. São exemplos de locais sagrados o quarto de santo e o quarto de Exú, que são ambientes que possuem assentamentos para cada Orixá. Depois do processo de purificação e sacrifício dos animais, esses são depositados nos assentamentos do orixá Exú (Figura 3).

Embora o sacrifício dos animais aconteça utilizando toda a materialidade física desses, para o universo mitológico das tradições de matrizes africanas, o simbolismo desse animal está expresso principalmente através do seu sangue. Sendo esse sangue o elo com o Orixá e a oferenda mais significativa. Ou seja,

² Assentamentos são a materialização simbólica do Orixá. Tendo-se em vista que os Orixás são comumente relacionados a forças da natureza.

quando os candomblecistas afirmam que o “*Orixá come*”, o que eles estão querendo falar é que “*o sangue vai ser depositado nos assentamentos de cada orixá*”. Esse rito simboliza que como o sangue é a parte vital de cada ser, seja ele humano ou animal, deve ser oferecido como uma troca entre a pessoa que oferta e a entidade que recebe.

Contudo, esse depósito nos assentamentos tem caráter temporário. Um período de 24 horas, evitando-se assim que entre em estado de putrefação. Quando depositados nos assentamentos, segundo informações colhidas junto ao Axogun da Casa, existe a seleção das partes desses animais, seguindo uma hierarquização atrelada a aspectos do humano, ou seja, “*as partes vitais do animal, o crânio, simbolizando a busca por equilíbrio, inteligência, sabedoria; já as asas e as patas como força, caminho, para a pessoa que oferta e entidade em questão*”.

Posteriormente são depositados em áreas livres da natureza, como por exemplo: cachoeiras, beiras de rios, encruzilhadas, matas fechadas etc. Esses locais são escolhidos a partir do ‘jogo de búzios’, visto que se acredita que a própria divindade escolhe o local de depósito dessas oferendas (Figura 5).



Figura 3 – Sacrifício de Galinha depositado no assentamento de exú catiço.



Figura 4 – Sacrifício com oferendas



Figura 5 – Sacrifício de animal em depósito de encruzilhada urbana

As oferendas para o orixá Exu não são apenas de animais, mas, em sua maioria, feitas com acompanhamentos. Entre os observados, notamos a presença

de bebidas alcoólicas das mais variadas e do padê (oferenda, cuja matéria-prima é a farinha, que pode ser preparada separadamente com a mistura do dendê, do mel, da água, da cachaça, do azeite). Essa mistura é definida pelo sacerdote; o padê é associado aos acompanhamentos dos sacrifícios após o término (Figura 4).

Os excedentes do sacrifício

Como o sangue se torna o elo representativo entre o humano e o orixá, as partes restantes ganham também uma função simbólica. Ou seja, as partes comestíveis são utilizadas em um ritual subsequente ao sacrifício. Durante esse processo, as partes aqui chamadas de comestíveis são tratadas, preparadas para o ritual chamado Farofa de Exu, que geralmente ocorre quando a casa está em processos de iniciações ou obrigações.

Nesse ritual, inicia-se o xirê dos orixás – rito de dança e cânticos aos orixás, e antes do término, os animais sacrificados nos rituais mais cedo são servidos, acompanhados de farofa-de-dendê, envoltos da palha de mamona³. Todos se alimentam dessa comida na encruzilhada mais próxima do terreiro. Nesse momento, notamos pessoas fazendo pedidos e agradecimentos a Exu.

Dessa forma, nossa pesquisa motivou-se para apresentar esses contextos de rituais presentes nos ritos do candomblé, tendo os animais como parte fundamental e intrínseca, buscando contribuir para a identificação e interpretação do contexto dentro da perspectiva arqueológica. Por mais que as intencionalidades simbólicas desses rituais sejam intangíveis, a materialidade atrelada aos animais durante os depósitos são identificadas na perspectiva arqueológica.

A identificação das partes oferecidas aos orixás é o primeiro passo para entender o contexto em que esses animais estão inseridos dentro do consumo ritual. O uso de crânios de animais como parte simbólica importante é descrito na pesquisa arqueológica, tanto em contextos pré-históricos, como também históricos.

Nossa pesquisa teve o desafio de inserir a arqueologia nesses rituais de candomblé, com o intuito de apresentar a importância que esses animais e suas relações com os humanos e o sagrado estão presentes na realização deles. Mesmo sabendo da dificuldade de identificação desses vestígios no contexto arqueológico, a pesquisa etnoarqueológica nos proporcionou essas interpretações que poderão nos auxiliar

³ Espécie de planta, que na cosmologia do Candomblé pertence ao Orixá Exú.

em pesquisas posteriores, tendo como foco principal os depósitos “sagrados” em que essas oferendas são colocadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os animais inicialmente na arqueologia eram apenas identificados como meras representações dos vestígios alimentares das sociedades humanas, descartando qualquer relação para além do consumo alimentar. A partir das contribuições e pesquisas zooarqueológicas, aqui, no Brasil, em sítios arqueológicos, percebeu-se que esses animais passaram a serem compreendidos de maneira multifuncional, sejam eles, como material construtivo, matéria-prima de adornos, festins ou celebrações ou oferendas para os mortos.

Dentro da perspectiva religiosa do Candomblé, os animais são parte essencial de uma série de práticas rituais, iniciadas pelos processos de sacrifício, manufatura de adornos, representação dos orixás e ponte entre os humanos e os orixás. Além disso, percebemos que os animais sacrificados também são matéria-prima de adornos, encouramento dos atabaques (tambores sagrados).

Nunca foi tão necessário tratar de sacrifícios de animais dentro da perspectiva religiosa, tendo em vista a crescente onda de intolerância religiosa, principalmente nos estados do Sul e do Sudeste brasileiro, haja vista propostas de leis que, em linhas gerais, buscam proibir o sacrifício ritual de animais nas religiões de matrizes africanas.

Esses projetos foram responsáveis pela primeira lei brasileira que proíbe o sacrifício religioso de animais não humanos (Coelho et al. 2016, Ramos, 2016). Motivado por esses e outros atos que visam, em linhas gerais, coibir e criminalizar os rituais de sacrifício no candomblé, a pesquisa buscou apresentar discussão do sacrifício de animais em rituais do candomblé e como o sacrifício de animais tem alta amplitude temporal e é comum a várias práticas religiosas.

A pesquisa demonstra que, dentro do universo das religiões de matrizes africanas que o uso dos animais ultrapassa a mera esfera religiosa, e que animais são encarados como ponte interpretativa para o entendimento do humano e suas ligações materiais e sociais da humanidade. A análise dos animais em rituais de sacrifício para Exu como materialidade se mostrou uma rica ferramenta na

compreensão do modo pelo qual os animais são utilizados pelos humanos ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Janaina Couvo Texeira Maia de. **O Sagrado, a sociabilidade e as relações entre homens e divindades**. Sergipe, 2009.

AGUIAR, F. J. F. **“Em tempo de solidão forçada”**: Epidemia de Varíola, sistema de saúde, costumes e fé em Sergipe novecentista, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

ALVES; R.R.N.; LEO NETO, N.A.; ROSA; I.L.; VOCKS.R; **Animal for the Gods: Magical and Religious Faunal Use and Trade in Brazil, Springes Science Business Media, LLC, 2012.**

ANJOS, José Carlos dos. **Os sentidos do sacrifício nas religiões afro brasileiras**, (2015).

BEZERRA, Antônio Martins. **Riachuelo Passado de Riquezas**, 2013.

COELHO, C.J.H; OLIVEIRA, L.P.S; LIMA, K.J.M.; Sacrifício Ritual de animais não humanos nas liturgias religiosas de matriz africana: “Medo do Feitiço” e intolerância religiosa na pauta legislativa; RBDA, Salvador, V.11, N.22, pp.52-82, Mai- Ago 2016.

FERRETTI, S. F. **Repensado o Sincretismo: Estudo sobre a casa das Minas/ Sergio Figueiredo Ferratti**; prefácio Reginaldo Prandi. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, São Luís: FAPEMA, 1995.

GASPAR, Maria Dulce. Arqueologia, cultura material e patrimônio. Sambaquis e cachimbos. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (Orgs.). **Cultura material e patrimônio da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: MAST/CNPq, 2009. p. 39-52.

KLOKLER, D.M.; **Consumo ritual, consumo no ritual: festins funerários e sambaquis**. *Revista Habitus* - v.10, n.1, p.83 a 104. 2012.

KLOKLER, D.M.; **Construindo ou Deixando um Sambaqui? Análise de sedimentos de um sambaqui do litoral meridional brasileiro - processos formativos. Região de Laguna - SC**. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo p.1 - 143. 2001.

KLOKLER, D.; Villagrán, X.S.; Giannini, P.C.F.; Peixoto, S.; DeBlasis, P. **Juntos na costa: zooarqueologia e geoarqueologia de sambaquis do litoral sul catarinense**. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 20: 53-75,2010.

LEMOS, Carol Murta. **Teoria na Prática Arqueológica**. 2011.

LIMA, T.A.; **Zooarqueologia: Considerações Teórico- Metodológicas**. Dedalo, São Paulo, pub. avulsa, 1:175-189, 1989.

LIMA, Tânia Andrade. **Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais**. 2011.

Moreira, Eneas Gabriel Resende. **História de Mutalambô “O XANGOZEIRO QUE NÃO CRER EM JESUS, NÃO É XANGOZEIRO”**, 2010.

MORRIS, James. **Animal “Ritual” Killing from Remains to Meanings**, 2012.

NETO, Aureliano Léo Neto and Rômulo da Nóbrega Alves. **A Natureza Sagrada do Candomblé: análise da construção mística acerca da natureza em terreiros de Candomblé no Nordeste do Brasil**, 2010.

NETO et al. **Mollusks of Candomblé: symbolic and ritualistic importance**.

PASSOS, V. M. M. **Oyá-Bethânia: Os mitos de um orixá nos ritos de uma estrela**, 2008.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**, São Paulo, Companhia das Letras, 2001, 591 pp.

PRANDI, Reginaldo. **Religião e sincretismo em Jorge Amado**, 2009.

RABELO, M. C. M.; **Aprender ver o candomblé**, *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n 44, pg. 229-251, jul/dez.2015.

RAMOS, J. D. D.; **A (Cosmo)Lógica das relações humano-animais nas religiões afro brasileiras**, *Iluminuras*, Porto Alegre, v.17, n.42, p.166-189, ago/dez 2016.

RODRIGUES, N. C. R. **Kosse D’Oya na Festa de Santa Bárbara: O corpo num processo criativo da poética em Dança**. 2007

SANTOS, O. C. **Kosi omi, Kosi orixá. Sem água, sem orixá. Modelagem etnoecológica sobre uso da água no Ilê Axé Nassô Oká/ Terreiro da Casa Branca em Salvador Bahia**. 2009.

SILVA, Maria Conceição .**Conhecimento científico e o saber popular sobre Os moluscos nos terreiros de candomblé de Recife e Olinda, estado de Pernambuco**, 2006.

VOEKS, Robert. **Spiritual Flora of Brazil’s African Diaspora: Ethnobotanical Conversations in the Black Atlantic**, 2013.

WILSON, Bob.; **Displayed or Concealed? Cross Cultural Evidence for Symbolic and ritual activity depositing iron age animal bones**. *Oxford Journal of Archaeology* 18(3); 1999.